

O gênero do discurso no ensino-aprendizagem: em direção a uma abordagem desestabilizadora e sócio - histórica da linguagem

Speech genre in teaching-learning: towards a destabilizing and socio-historical approach to language

El género del discurso en la enseñanza-aprendizaje: hacia un enfoque desestabilizador y socio - histórico del lenguaje

Paula Angélica da Silva Campos¹

RESUMO: Partindo da definição clássica de gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados em termos de estilo linguístico, conteúdo temático e estrutura composicional (BAKHTIN, 2011), o presente artigo propõe problematizar a noção de estabilidade dos gêneros através de uma reflexão acerca de sua dinamicidade e plasticidade em um mundo de redes interconectadas. Para uma educação responsável e responsiva de gêneros no ensino escolar, uma abordagem desestabilizadora de gênero por meio de sua trajetória discursiva pode favorecer uma formação crítica dos cidadãos. Essa abordagem, no entanto, exige o reconhecimento das múltiplas dimensões que o conceito de gênero implica no ensino-aprendizagem de línguas. Este artigo teórico articula o conceito de gêneros do discurso à complexidade da linguagem (CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2007), entextualização, efeito não-linear do significado (BLOMMAERT, 2005; 2014), dialogismo do círculo de Bakhtin (FARACO, 2009), hibridismo e (multi)letramentos (LEMKE, 2010; ROJO, 2012). Ao partir da teoria bakhtiniana de gêneros, marcadamente ampla em seu escopo teórico, o diálogo estabelecido apresenta uma abordagem desestabilizadora no ensino-aprendizagem de línguas por gêneros, valorizando seus princípios arquitetônicos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem. Gêneros do discurso. Desestabilização. Princípios arquitetônicos. Trajetória discursiva.

¹ Professora de inglês, graduada em Licenciatura Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestra pelo Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora na área de ensino-aprendizagem, formação docente e gêneros textuais/do discurso.

ABSTRACT: From the classical definition of speech genres as relatively stable types of utterance in terms of linguistic style, thematic content, and compositional structure (BAKHTIN, 2011), this article proposes to problematize the notion of stability in genres through a reflection about its dynamicity and plasticity in a world of interconnected networks. For a responsible and responsive education of genres in school education, a destabilizing approach of genre through its discursive trajectory can favor a critical formation of the citizen. This approach, however, requires the recognition of the multiple dimensions that the concept of genre implies in the teaching-learning of languages. This theoretical article articulates the concept of speech genres to language complexity (CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2007), entextualization, nonlinear effect of meaning (BLOMMAERT, 2005; 2014), dialogism of the Bakhtin's circle (FARACO, 2009), hybridization and (multi)literacy (LEMKE, 2010; ROJO, 2012). Starting from the Bakhtin genre theory, markedly broad in its theoretical scope, this established dialogue presents a destabilizing approach in teaching-learning language by genres in a way that values its architectural principles.

KEY-WORDS: Teaching-learning. Speech genres. Destabilization. Architectural principles. Discursive trajectory.

RESUMEN: Partiendo de la definición clásica de géneros del discurso como tipos relativamente estables de enunciados en términos de estilo lingüístico, contenido temático y estructura composicional (BAKHTIN, 2011), el presente artículo propone problematizar la noción de estabilidad de los géneros a través de una reflexión acerca de su dinamicidad y plasticidad en un mundo de redes interconectadas. Para una educación responsable y responsiva de géneros en la enseñanza escolar, un abordaje desestabilizador de género por medio de su trayectoria discursiva puede favorecer una formación crítica de los ciudadanos. Este enfoque, sin embargo, exige el reconocimiento de las múltiples dimensiones que el concepto de género implica en la enseñanza-aprendizaje de lenguas. Este artículo teórico articula el concepto de géneros del discurso a la complejidad del lenguaje (CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2007), entextualización, efecto no lineal del significado (BLOMMAERT, 2005; 2014), diálogo del círculo de Bakhtin (FARACO, 2009), hibridismo y (multi) letras (LEMKE, 2010, ROJO, 2012). A partir de la teoría bakhtiniana de géneros, marcadamente amplía en su ámbito teórico, el diálogo establecido presenta un abordaje desestabilizante en la enseñanza-aprendizaje de lenguas por géneros, valorizando sus principios arquitectónicos.

PALABRAS-CLAVE: Enseñanza-aprendizaje. Los géneros del discurso. Desestabilización. Los principios arquitectónicos. La trayectoria discursiva.

Considerações Iniciais

As pesquisas de ensino-aprendizagem e produção de materiais didáticos têm demonstrado a imensa produtividade em relação aos gêneros textuais/do discurso (ANJOS-SANTOS, 2012; BEATO-CANATO, 2009; CRISTOVÃO, 2002) entre outros. No contexto brasileiro de ensino e pesquisa de línguas (primeira e

estrangeira), o interesse está associado à criação dos referenciais curriculares nacionais (PCNs) que fazem indicação explícita ao conceito de gêneros (ROJO, 2005). Outros documentos como as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEM) publicada em 2006 no âmbito nacional e o Currículo Mínimo Estadual do Rio de Janeiro (CMLE-RJ) publicado em 2012 no âmbito estadual reforçam o papel do gênero considerado como um instrumento efetivo para a prática pedagógica. No que tange às pesquisas, Vian Junior (2015) aponta algumas contribuições e visões críticas dos estudos de gêneros de Marcuschi (2008), Meurer (2002, 2006) e Meurer e Motta-Roth (2002). Com base em Marcuschi (2008), Vian Junior (2015) aponta a produtividade da teoria bakhtiniana em uma abordagem brasileira de estudos dos gêneros, uma vez que representa um tipo de teoria comum em trabalhos que relacionam língua(gem) e estudos de gêneros. Embora haja um traço teórico em comum, as pesquisas apresentam uma visão diversificada ao adotar procedimentos e conceitos de diferentes autores.

Nesta perspectiva híbrida, o conceito de gêneros do discurso demanda em seu escopo teórico uma abordagem situada sócio-historicamente. Ao didatizar os gêneros, os professores de línguas podem problematizar como abordar sua complexidade de forma sistemática em um mundo de redes interconectadas, favorecendo práticas didáticas que valorizem seus princípios arquitetônicos. Neste cenário, dois movimentos estão em diálogo: de um lado, um aparato teórico-prático que orienta uma concepção de linguagem e um modo de abordar os gêneros; de outro lado, a efetiva transposição didática.

Em minha pesquisa de mestrado², procuro encaminhar um modo de abordar os gêneros no ensino-aprendizagem de língua inglesa na escola pública, valorizando seus princípios arquitetônicos. Reconhecendo o desafio de didatizar os gêneros de forma situada e o imperativo de uma abordagem de gêneros que abarque sua complexidade e hibridismo, este trabalho propõe problematizar a

² A articulação teórica aqui desenvolvida constitui um fruto de minha pesquisa no mestrado no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da UFXX, onde construí um material didático com base nos gêneros do discurso como parte de uma formação reflexiva entre duas professoras.

noção de estabilidade no ensino-aprendizagem de gêneros por meio de uma articulação teórica, que pode embasar práticas didáticas. Neste artigo, o foco está, pois, no primeiro movimento de encarar a complexidade e fluidez dos gêneros em circulação social.

Para tanto, o artigo está organizado em cinco partes. Primeiramente, situo a discussão na visão de língua(gem) sócio-histórica e seus desdobramentos no ensino-aprendizagem. Em segundo lugar, esclareço a noção de gênero do discurso segundo a proposta do círculo de Bakhtin. Em terceiro lugar, proponho uma abordagem desestabilizadora no ensino-aprendizagem de línguas por gêneros por meio de trajetórias discursivas para dar respostas coerentes às transformações sociais vivenciadas. Em seguida, exemplifico tal abordagem na análise discursiva de um meme da internet. Por fim, teço as considerações finais.

A visão de Linguagem Sócio-histórica e Diálogos Estabelecidos

Para abordar os gêneros do discurso, focando em sua desestabilização e trajetória sócio-histórica, precisamos entender qual é a visão de língua que embasa tal abordagem.

A dialética filosófica marxista do círculo de Bakhtin em seu escopo teórico parte de uma concepção sócio-histórica da linguagem. Esta considera que o significado é construído pelo “vínculo indissociável entre linguagem, produção de sentidos, contexto, comportamento social e atividades humanas, o que aponta para o entrelaçamento entre cultura, práticas discursivas, conhecimento e visão de mundo” (FABRÍCIO, 2006, p. 57). Neste sentido, a língua(gem) em uso é uma prática social, inserindo-se no campo da Linguística Aplicada (LA).

Como um campo interdisciplinar, a LA constitui-se em uma área vasta na produção de conhecimentos socialmente relevantes. Faz parte de seu escopo teórico-metodológico a atitude de historicizar – situar no espaço e tempo o existir-evento – para compreender o processo de (des/re)construção das ideias, compreendendo a realidade, não como algo dado ou preconcebido, mas como algo ordenado discursivamente no mundo social. Além disso, a LA assume

contornos transdisciplinares à medida que procura transgredir discursos cristalizados e opressores. Esta natureza transdisciplinar coloca-se na fronteira social, abala as ordenações discursivas vigentes e cria “inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA-LOPES, 2006, p. 14). Para Fabrício, a LA constitui-se como

[...] uma prática problematizadora envolvida em um contínuo questionamento das premissas que norteiam nosso modo de vida; que percebe questões de linguagem como questões políticas; que não tem pretensões de respostas definitivas e universais, por compreender que elas significam a imobilização do pensamento; que tem clara postura epistemológica, entendendo que *a produção de conhecimento não é neutra*, pois se encontra entretecida a um domínio de *práticas sócio-historicamente situadas*, podendo ser aplicada ao contexto da situação sob investigação, que atende um modelo de teoria crítica atendida, segundo Marcondes (1998), como exame de suas próprias pressuposições e condições de possibilidade e ciente de sua própria relatividade, alcance e limites; que está aberta a reavaliações e, principalmente, que se preocupa com os desdobramentos éticos do conhecimento produzido.” (FABRÍCIO, 2006, p. 60-61, grifo nosso).

Assim, a LA tem por prática problematizar, historizar e (des/re)construir discursos. Tal abordagem sociodiscursiva encontra respaldo nas três funções propostas por Foucault (2012): questionar a vontade de verdade; restituir ao discurso o caráter de acontecimento e suspender a soberania do significante. Assumindo a impossibilidade de uma linguagem neutra e imparcial, Foucault (2012) concebe o discurso como um jogo de signos com significados negociados na interação social entre os sujeitos históricos. Neste intercâmbio de vozes sociais, há uma arena discursiva que revela uma logofobia, uma espécie de temor surdo dos acontecimentos. Assim como Bakhtin e Volochínov (2014), que se apoiam na materialidade histórica e na dialética da linguagem, subtraindo a causalidade mecanicista, Foucault (2012) também ancora-se na eficácia histórica para compreender os acontecimentos e “não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos na unidade informe de uma grande devir” (FOUCAULT, 2012, p. 53).

Ao apontar para uma concepção de língua sócio-historicamente situada, remontamos a dinâmica da criação ideológica proposta pelo círculo de Bakhtin a

partir do dialogismo. O caráter dialógico do discurso apresenta três dimensões diferentes: todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”; todo dizer é orientado para a resposta e, por fim, todo dizer é internamente dialogizado (FARACO, 2009). Assim, os discursos são transformados no âmbito social.

Nesta perspectiva, o círculo de Bakhtin compreende o enunciado como memória discursiva, isto é, todo enunciado é uma resposta a algo já dito, orientado a um público em um dado contexto social (FARACO, 2009). Na psicologia do corpo social, os atos humanos são construídos por cadeias ininterruptas dos enunciados como, por exemplo, as conversas de corredor, as trocas de opinião nas diferentes reuniões sociais e as trocas puramente fortuitas (BAKHTIN, 2011).

Para dar conta desta multiplicidade de semioses, o ensino-aprendizagem de línguas por gêneros do discurso pode ser articulado ao conceito de (multi)letramentos, haja vista que um letramento é sempre um letramento em algum gênero (LEMKE, 2010). Diferente dos letramentos (múltiplos), que apontam para as diversidades de práticas letradas, os multiletramentos voltam-se para uma multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos (ROJO, 2012). Suprimindo a dicotomia de culturas, que impõe um pensamento em bases antitéticas, a multiplicidade de culturas e semioses concretizam-se de forma híbrida.

Desta forma, os gêneros do discurso constituem uma cadeia de enunciados organizados socialmente em dado tempo e espaço. Uma compreensão de tais construtos requer uma visão de língua(gem) híbrida e socialmente situada. Tendo situado a visão de língua(gem) como prática social no campo de estudos da LA, apresento o conceito de gênero do discurso do círculo de Bakhtin.

Os gêneros do discurso

Toda comunicação verbal, independente da materialização semiótica (escrita, oral e/ou imagética), está articulada a um gênero do discurso. Estes

organizam nossas interações sociais em diversos aspectos da vida. Ao apresentarmos um seminário, ao publicarmos memes com *hashtags* na *timeline* do *Facebook*, ao conversar por meio de textos orais e escritos pelo *whatsapp*, agimos dentro de um quadro social e discursivo que organiza a língua(gem). Este quadro permite-nos construir entendimentos sobre as situações comunicativas na interação social. Neste sentido, podemos afirmar que a língua medeia nossas práticas sociais ordenadas pelos gêneros do discurso. Mas afinal, o que são os gêneros?

Segundo Bakhtin (2011), a língua se realiza sob a forma de enunciados concretos e únicos proferidos pelos participantes em várias áreas da atividade humana. Tais enunciados apresentam uma especificidade no conteúdo temático, no estilo da linguagem e em sua construção composicional, sendo determinados pela sua esfera particular de comunicação. Além disso, essas formas discursivas apresentam uma relativa estabilidade. Posto isto, os conceitos de enunciado, conteúdo temático, estilo, construção composicional e esfera comunicativa são abordadas a seguir.

Para Bakhtin (2011), a unidade de estudo real da língua é o enunciado, uma vez que nele concretiza-se o material semiótico complexo da interação humana. Desta forma, o autor concebe o enunciado como um “núcleo problemático de importância excepcional” (BAKHTIN, 2011, p. 265). Importante ressaltar que a noção de oração, texto e palavra não são descartadas para analisar a língua. No entanto, por tratar-se de entidades linguísticas que se relacionam com um contexto mais imediato, elas não dão conta de remontar por si um contexto extraverbal. Já os enunciados agem como uma cadeia de transmissão entre a história da sociedade e a história da língua. Neste sentido, os gêneros mantêm uma relação indissociável entre a vida humana e os enunciados concretos, como Bakhtin ressalta no seguinte excerto.

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua

passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (BAKHTIN, 2011, p. 265).

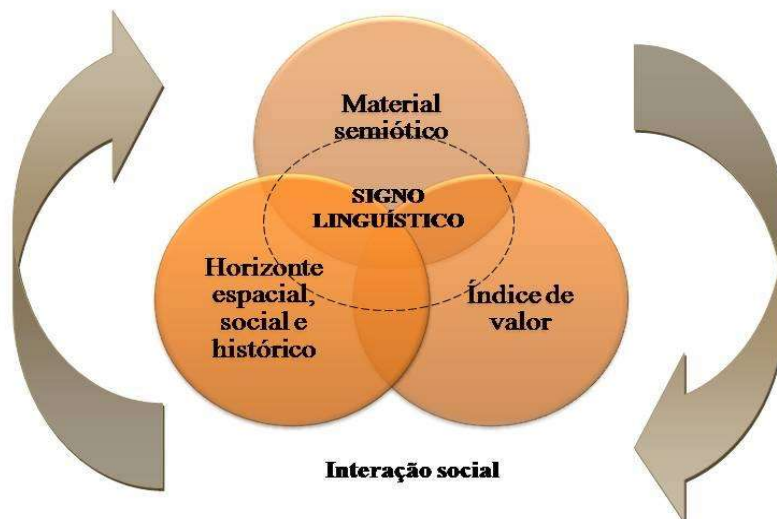
Já o estilo consiste na individualidade marcada em determinado enunciado. Embora a materialização de um enunciado resulte do consenso entre os indivíduos, um enunciado é, ao mesmo tempo, produzido pelos próprios meios do organismo individual. Desta maneira, o enunciado apresenta as marcas de um material semiótico da vida interior (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014). Cada estilo manifesta-se de acordo com os temas e construções composicionais contidos em certa esfera comunicativa. Para Bakhtin (2011), o estilo individual integra o edifício do enunciado em uma escala gradativa, podendo reter mais ou menos o reflexo da individualidade a depender das esferas em que os gêneros circulam. Veja-se, por exemplo, uma petição judicial e um poema. A petição, que integra a esfera judicial e administrativa, constitui um gênero complexo, padronizado e mais estável. Já o poema, que compreende a esfera artístico-cultural, constitui também um gênero complexo, porém menos padronizado e menos estável e, por isso, mais propício às marcas estilísticas individuais.

Ao tomar o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva, o círculo de Bakhtin destaca a importância de estudar a forma material de caráter avaliativo, isto é, o conteúdo temático. Neste sentido, o tema não é apenas o assunto abordado ou o tópico do discurso (BRAIT; PISTORI, 2012; ROJO, 2009). O tema do enunciado é a forma discursiva imbuída de valor apreciativo socialmente situado e, por isso, irrepetível. Entende-se, pois, conteúdo temático como um

[...] *sistema de signos dinâmico e complexo*, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um *aparato técnico para a realização do tema*. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014, p. 134 grifo dos autores).

Para Bakhtin e Voloshinov (1976), a arte constitui uma entidade sociológica, e, conseqüentemente, um produto da criação socioideológica da atividade humana. Como todo produto ideológico, a imagem artístico-simbólica é constituída de uma forma discursiva preenchida de significação, fazendo com que a criação ganhe um valor situado no tempo e espaço e fora de si mesmo. De acordo com a concepção do Círculo de Bakhtin, a forma discursiva deve ser estudada em relação ao conteúdo, à avaliação ideológica e ao material. Bakhtin e Volochínov (2014) defendem que o signo linguístico constrói-se em um horizonte social e espacial, marcado por um índice de valor de natureza interindividual e materializado em enunciados concretos, como podemos ver no esquema abaixo. É possível, então, estabelecer que o conteúdo temático, a avaliação ideológica e o material estão relacionados respectivamente com o signo, o índice de valor e o material semiótico situado sócio-historicamente.

O signo linguístico



Fonte: autora

Outra dimensão constitutiva do gênero é a construção composicional. De acordo com Rodrigues (2005), algumas pesquisas têm associado a composição

do gênero à organização textual. Dada a diversidade de construções composicionais e heterogeneidade das atividades humanas, este campo tem sido pouco estudado de forma sistemática e reduções linguísticas nesta dimensão são largamente adotadas (RODRIGUES, 2005). Contra o objetivismo linguístico, que concebe a língua como um sistema abstrato, Bakhtin e Volochínov (2014) entendem que o sistema linguístico está a serviço do sujeito social para suas necessidades concretas. Da mesma forma, a construção da língua está orientada no sentido da prática social da linguagem. Partindo de um contexto situacional, a composição do enunciado apropria-se de aspectos da forma linguística, transformando este material em um enunciado concreto de um signo. Logo, uma análise composicional deve apontar signos – construtos socioideológicos – e não apenas sinais – entidades de conteúdo imutável.

Deste modo, a concepção de gêneros do discurso combina organicamente três dimensões: estilo, tema e construção composicional em enunciados relativamente estáveis. Apesar de podermos distingui-las e estudá-las, tais dimensões são inseparáveis e contidas em uma esfera comunicativa. Na visão bakhtiniana de gêneros, cada enunciado concreto é uma cadeia na corrente da comunicação discursiva em dada esfera particular. Tais esferas estão ligadas às possibilidades de atividades humanas, que são múltiplas e infinitas e podem entrecruzar-se. Com base em Rodrigues (2005), algumas esferas da comunicação podem ser exemplificadas: esfera de trabalho: seminário; esfera íntima: conversa; esfera artística: teatro; esfera jornalística, notícia. As esferas abarcam uma variedade de gêneros e, por conseguinte, enunciados que reverberam em uma atitude responsiva a outros enunciados.

No conceito de gêneros proposto pelo círculo, o foco está sob a noção do relativo, que aqui interpreto como fluido. Tal fluidez pode ser compreendida sob a forma de discursos, que viajam e entrecruzam-se em diferentes horizontes sociais e históricos, estabelecendo diálogos mais amplos. Na próxima seção, exponho a necessidade de transformações nas práticas de aprender-ensinar em resposta aos diferentes modos de agir no mundo através de uma abordagem desestabilizadora.

A abordagem desestabilizadora por meio de trajetórias discursivas

Ao longo dos anos, temos vivenciado profundas transformações nos modos de agir no mundo. Com o uso sistemático da rede mundial de computadores e sua expansão comercial na década de noventa, as sociedades foram transformadas rapidamente. Novas formas discursivas de comunicação surgiram como, por exemplo, e-mails, mensagens instantâneas, web conferências, chamadas telefônicas via internet, fóruns de discussão e memes. Atrelada ao fenômeno da globalização, a velocidade e alcance da internet acontece de forma diversa e irregular.

Ainda que distribuída de forma desigual, a globalização conecta diferentes organizações sociais em uma espécie de sistema interconectado entre o local e o global. Seus efeitos são perceptíveis nas redes sociais, onde uma ação local pode ganhar repercussão global em pouco tempo. A velocidade de compartilhamento e a expressividade do evento comprimiram espaço e tempo, sendo possível ter acesso ao evento de forma sincrônica (e diacrônica também). No entanto, o conhecimento não é estável e singular. À medida que a informação é compartilhada na rede, ela engendra índices de valores diversos em uma corrente discursiva ininterrupta. Assim, a globalização tem por função criar uma

[...] intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que os modelam. A *transformação local* é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço". (GIDDENS, 1991, p. 60, grifo do autor).

De um ponto de vista dinâmico, a globalização impactou as sociedades, gerando mudanças nas tecnologias, nas formas de consumo, na política, na geração de empregos, na educação e, sem dúvida, nas atividades humanas constituídas integralmente pela língua(gem). Estas práticas sociais materializam-se em cadeias de enunciados. Isto significa dizer que os gêneros do discurso na web, por exemplo, não surgiram do nada. Na verdade, essas formas discursivas

basearam-se em outras já existentes para construir novos sentidos em uma nova ordem social e histórica. Tomemos o gênero notícia como exemplo. Antigamente, a notícia consistia na transmissão oral da experiência. Foi a partir da Revolução Industrial que o gênero notícia na modalidade escrita passou a ter um acabamento mais padronizado conforme as técnicas do *marketing* (LAGE, 1981). Hoje em dia, a notícia *online* está disponível em um meio multimidiático, isto é, em um meio que concatena várias mídias com diferentes códigos sonoros, visuais e linguísticos (LEMKE, 2010). Apesar de sua acessibilidade na rede, não há garantia de que seu “consumo” ocorrerá de forma crítica (ROJO, 2015). Por este motivo, a educação linguística crítica é fundamental na formação de cidadãos.

Em um mundo de redes interconectadas, os hábitos de ensinar e aprender estão situados necessariamente na valorização da multiplicidade semiótica das atividades humanas. Na atualidade, precisamos dar respostas práticas e coerentes à ordem histórica e social que vivenciamos. Neste sentido, toda ação humana fundamenta-se na responsabilidade de encarar a vida como uma realização concreta, individual, coletiva e histórica. Somos responsáveis por nossas ações à medida que elas representam um produto único e real, um enunciado, um pensamento (BAKHTIN, 1993)³

Para o círculo de Bakhtin, a viabilidade de criar um entendimento de um ato realizado na materialidade histórica está no esforço de avaliar sua estrutura arquitetônica do mundo-evento real sem alibi. Seria ilegítimo abstrair o ser humano de sua realidade concreta. Desta forma, depreendemos o valor da arquitetônica-evento. Os princípios básicos, que constituem e descrevem a arquitetônica, estão contidos nas apreciações valorativas nas interações sociais do eu-para-mim, do outro-para-mim e do eu-para-o-outro situado em um existir-evento social e histórico (BAKHTIN, 1993).

Como educadores imbuídos de uma atitude responsável e responsiva, queremos uma formação crítica e útil em práticas sociais além das fronteiras escolares. Queremos pessoas capazes de avaliar e tomar posicionamentos com

³ Ano aproximado de publicação do trabalho original.

responsabilidade sem álibis. Queremos uma educação situada, engajando as pessoas em práticas linguageiras diversas. Queremos uma comunidade de cidadãos que questionem, dialoguem, pensem e (des/re)construam ideias relevantes para uma vida em sociedade.

Em um mundo globalizado, uma abordagem desestabilizadora no ensino-aprendizagem de línguas por gêneros do discurso constitui uma exigência para criar inteligibilidade frente à fluidez, hibridismo e complexidade dos fenômenos do mundo real. Em consonância com esta proposta, Brait e Pistori (2012) ressaltam que estudar os gêneros, valorizando sua forma arquitetônica, é considerar suas dimensões internas e externas e explicitar as inter-relações dialógicas e axiológicas para compreender a vida, a sociedade e a elas responder. Para as autoras, o ensino de gêneros pode propiciar um melhor entendimento e experiência discursiva para o aluno, se valorizarmos seus princípios arquitetônicos.

Neste cenário, a abordagem desestabilizadora reconhece o primado das formas fluidas e complexas da interação. Desestabilizar está para refletir de forma complexa os eventos do mundo real, assim como a atitude de historicizar da LA está para restituir ao discurso o caráter de acontecimento. O *relativamente* estável da noção clássica de gêneros de Bakhtin encontra destaque em um mundo de sistemas interconectados.

Em uma perspectiva de sistemas complexos, novas questões geram novas problematizações sobre como as pessoas usam, aprendem e ensinam línguas. Cameron e Larsen-Freeman (2007) propõem um olhar para os fenômenos do mundo real como sistemas complexos.

Por conjugar variáveis tão fluidas, a riqueza da língua alia-se a complexidade da linguagem. Nela o discurso é compreendido como um sistema na qual os indivíduos situados sócio-culturalmente interagem através do tempo e espaço em um processo de língua em uso. De acordo com Cameron e Larsen-Freeman (2007), os indivíduos são vistos como parte de uma comunidade discursiva, um sistema acoplado e amplo em uma visão dialógica do discurso. A perspectiva da complexidade, então, procura mudanças de padrões da

estabilidade nos sistemas e suas práticas sociais. Tais práticas são entendidas como os gêneros do discurso, que combinam a estabilidade e a variabilidade. A primeira reforça os padrões, que servem para a diferenciação das práticas. A segunda promove as mudanças pelo uso.

A variabilidade bem como a estabilidade são fundamentos inerentes à formação dos gêneros. Estes são identificados e diferenciados pelo grau de estabilidade que apresentam. Ao mesmo tempo, os gêneros são variáveis pela dinâmica e plasticidade e atravessados por sistemas diversos. Cameron e Larsen-Freeman (2007) exemplificam esta relação com a evolução do gênero mensagem. Antigamente, a mensagem constituía um texto escrito longo com relativa formalidade. Com o imediatismo pós-moderno e avanços tecnológicos, as mensagens mudaram seu estilo, tornando-se textos curtos e abreviados, por exemplo, o enunciado "C U 2morrow" (*See you tomorrow* – Vejo você amanhã). Por isso, um entendimento sobre o gênero deve abordar um entendimento de sua variabilidade bem como sua estabilidade.

Na sala de aula de línguas, uma perspectiva de sistema deve abordar a língua(gem) através de níveis interconectados de organização (CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2007). Para os alunos, lidar com o dinamismo e a complexidade de sistemas pode ser difícil. Para isso, Cameron e Larsen-Freeman (2007) defendem que as descrições teóricas são recursos válidos para a elaboração de um projeto em sala de aula, mas não são suficientes. Assim, o professor necessita da seleção ou construção de modelos ensináveis em um percurso formativo para favorecer a conscientização das práticas sociais pelo uso da língua(gem).

No ensino de línguas por gêneros, uma abordagem desestabilizadora alinha-se à fluidez de um mundo globalizado. Em uma visão monista, Bakhtin e Volochínov (2014) ressaltam a necessidade de estudar a língua(gem) através da unicidade do meio social e do contexto social imediato. Desta maneira, a noção de complexidade relaciona-se à visão arquitetônica na medida em que procura estabelecer as relações entre cada fenômeno e seu contexto mais amplo, o todo e suas partes.

Se agimos e pensamos de maneira complexa e interligada, por que abordar os gêneros do discurso isoladamente? Um possível entendimento para tal questão está no paradigma de aprendizagem curricular (LEMKE, 2010). O paradigma curricular enseja a aprendizagem em uma ordem fixa e em um cronograma fixo. Imerso no capitalismo industrial, a aprendizagem é encarada como um regime de produção, promovendo um utilitarismo exacerbado. Um reflexo dessa rigidez curricular no ensino dos gêneros do discurso encontra-se presente na abordagem restritiva e unilateral dos gêneros no CMLE-RJ (AMORIM, 2014). Embora o documento ressalte a importância do trabalho com diferentes temas e situações de uso da linguagem, o currículo estadual propõe um trabalho com os gêneros sem estabelecer progressões dialógicas (AMORIM, 2014).

Mais uma vez, uma abordagem desestabilizadora e sócio-histórica requer uma flexibilidade no tratamento dos gêneros do discurso, uma vez que a arquitetônica de um evento não é algo encerrado, enrijecido e passivamente construído (BAKHTIN; VOLOSHINOV 1976). Nesta perspectiva, o paradigma curricular não se sustenta por si só, pois o currículo precisa estar apoiado sobre a égide da universalidade de culturas, saberes e ideologias.

O foco na complexidade dos gêneros em uma abordagem desestabilizadora significa reconhecer a necessidade de abordar o ensino-aprendizagem de gêneros na sua trajetória sócio-histórica. Não se trata, pois, de uma abordagem instável ou desprovida de qualquer estabilidade. Já vimos aqui que os gêneros do discurso agregam em si *relativa* estabilidade (BAKHTIN, 2011). Ademais, uma perspectiva complexa enquadra a noção de estabilidade, uma vez que padrões servem para a diferenciação das práticas (CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2007). No entanto, devemos reconhecer a dialética, marcadamente integrante do dialogismo bakhtiniano nos estudos dos gêneros do discurso, isto é, os gêneros agregam em si duas forças contrárias: a estabilidade e a variabilidade. Esta causada pelas frequentes desestabilizações no âmbito social. É a desestabilização, portanto, que gira a engrenagem que encadeia os gêneros. De outra forma, tais construtos constituiriam meros arquétipos estáveis.

Em um mundo em constantes mudanças, a resposta às demasiadas simplificações dos acontecimentos ocorre por meio de uma visão híbrida e múltipla de difícil descrição do todo. Aliás, este todo somente pode ser apreendido à medida que é interpretado como trajetória através de uma cadeia de fenômenos não linear. Abarcar a complexidade dos fenômenos é considerar seu caminho, sua trajetória a partir de elementos como heterogeneidade, dinamicidade, não linearidade, abertura e adaptação como uma rede (CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2007). Seguindo a mesma linha, Blommaert (2014) entende que as ações retroalimentam-se em cadeia por razões não contidas nelas mesmas, mas em efeitos contextuais de ações sociais e psicológicas. Esta cadeia de efeitos responsivos só pode ser compreendida em termos de trajetória textual. Neste sentido, o significado é explicado pela produção de diversos enunciados, gerando efeitos variados.

No caso da trajetória textual, a noção de entextualização é utilizada para compreender como o discurso – atividade semiótica ativa – é sucessivamente ou simultaneamente descontextualizado e metadiscursivamente recontextualizado a fim de se tornar um novo discurso, associado a um novo contexto e novos índices de valores (BLOMMAERT, 2005). Estes índices são chamados de significado indexical carregado de signos, que são empregados na comunicação. A conexão entre o signo e seu significado não é um evento único e linear, mas fragmentado e mediado. Tal mediação não ocorre apenas por meio de um sistema linguístico fechado, interno e abstrato, mas, principalmente, por meio de fatores sociais e da experiência cultural altamente volátil, dinâmica e situada, chamada ideologia.

Depreendendo dessa abordagem a necessidade de validar ecologicamente qualquer posição sobre a comunicação, Blommaert (2014) propõe um entendimento dos efeitos de significado através da análise da imagem de uma roupa de corrida e um meme, que viralizou nas redes sociais. Para tanto, o autor trabalha com o qualificador metapragmático “legal” (*Cool*) e dois tipos de efeitos de significado: denotacional e indexical. O primeiro com foco nos aspectos linguísticos convencionais. O segundo pautado em um conjunto diferente de

conhecimento e experiência social, cultural, política e histórica. Ambos os efeitos de significados dialeticamente constroem-se na prática social da linguagem.

No caso da roupa de corrida, a imagem, que foi capturada em uma província chinesa no sudoeste de Yunnan em 2011, mostra uma escrita alfabética, contendo algumas palavras do inglês como *best, elephant man, the Glark sisters, baby*. Outras palavras são apenas justaposições como *biibe, buis, faolor, bnutering, meein*. De acordo com Blommaert (2014), não há muito que explorar linguisticamente. No entanto, sob o aspecto da indexicalidade⁴, os signos revelam ideologias da língua(gem). A primeira está associada ao fato de que, em muitos lugares do mundo, o acesso à língua inglesa ocorre de modo irregular. A segunda está associada ao prestígio da língua internacionalmente reconhecida, pois, ainda que sua escrita na roupa tenha distante conexão com o “inglês”, localmente tal grafia é validada como pertencente à língua inglesa.

Para o autor, a função do *parece ser língua* é emblemática, uma vez que localmente a língua inglesa é tratada como produto que agrega valor de mercado. Isto só pode ser explicado de forma consistente através da qualidade indexical mediada pela ideologia cultural. Neste caso, o aspecto linguístico apenas ajuda no entendimento, mas não dá conta do sentido construído, que é um efeito intrinsecamente não linear. Em um mundo pós-moderno, a língua inglesa por vezes funciona como um emblema da globalização e seu uso pode constituir uma inserção local em uma realidade global. Assim, seu uso emblemático assume um índice socialmente reconhecido como “legal”, tornando os produtos mais caros e atrativos.

No caso dos *memes*, o poder ideológico do “legal” é de extrema importância no chamado fenômeno viral de rede. Segundo Blommaert (2014), a viralidade decorre de formas de disseminação online de signos que são extraordinários em termos de rapidez e alcance. Esta viralidade decorre do

⁴ O termo indexicalizar indica uma referência discursiva preche de índices de valores sociais e que articula sentidos mediante o contexto social de produção, ou seja, trata-se de um significado social (BLOMMAERT, 2005).

engajamento coletivo e grau de expressividade do material semiótico, co-construindo múltiplas ideologias na teia discursiva.

Estes gêneros são em sua maioria compostos de captura de imagens com pouco ou nenhum elemento linguístico. Para Blommaert (2014), os memes revelam uma semiótica totalmente multimodal, pois convoca em si uma cadeia de significados em múltiplas modalidades de comunicação. Além disso, eles apresentam uma autoria multimidiática, uma vez que são coletivamente construídos e seus documentos e imagens não são objetos decorativos, mas verdadeiros signos que mudam os sentidos discursivos em variados contextos (BOLTER, 1998 *apud* LEMKE, 2010). Tais sentidos em mídias são multiplicativos, porque o discurso viaja por inúmeros contextos e interações sociais (LEMKE, 2010). Para entendê-los, é necessário reconstruir a trajetória discursiva dessas práticas sociais.

Para uma abordagem que valorize a trajetória discursiva, procuro estabelecer diálogos teórico-metodológicos em uma rede de conhecimentos. Este movimento interdisciplinar visa criar configurações teórico-metodológicas para dar conta dos objetos de análise considerados complexos (ROJO, 2009). Para Rojo (2009), as pesquisas em tornos dos gêneros do discurso têm enfatizado a definição de estabilidade e regularidade à revelia de sua natureza *relativa*, ignorando a heterogeneidade e os hibridismos.

Com a revolução tecnológica promovida pela globalização, as formas discursivas ganham volatilidade. Cada vez mais, agimos languageiramente em um mundo interconectado por gêneros diversos. Sobre tal tessitura de gêneros na internet, Marcuschi (2008) afirma que se trata de uma estética em busca de uma definição, se isso for possível (e/ou desejável).

Devido a pouca estabilidade, mas extraordinária hibridez e plasticidade, os gêneros do discurso encadeados na internet oferecem estudos interessantes acerca da linguagem em termos de trajetória. Para o entendimento dos seus efeitos discursivos, barreiras de conhecimento precisam ser rompidas, encarando os gêneros como objetos complexos. Convoca-se, portanto, uma abordagem desestabilizadora que se comprometa com a trajetória sócio-histórica das práticas

sociais sem a pretensão de respostas definitivas, mas certamente engajada em uma prática problematizadora.

Em direção a uma abordagem desestabilizadora e sócio-histórica da linguagem na análise do meme *In brazilian portuguese*

Os gêneros do discurso constituem um construto socioideológico, materializado na comunicação através das atividades humanas. Para agir na vida em sociedade, o entendimento dos gêneros por parte dos alunos constitui um ponto-chave no ensino-aprendizagem. Neste processo, o modo de abordar os gêneros pode favorecer (ou não) uma educação linguística crítica. Para que isso possa acontecer, o ensino-aprendizagem por gêneros deve ser abordado de forma situada, conectando língua(gem) à prática social e a escola à vida.

Avocando uma abordagem desestabilizadora, este trabalho propõe um ensino-aprendizagem de línguas por gêneros, valorizando as relações arquitetônicas do eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro situado em um existir espacial, temporal e avaliativo (BAKHTIN, 1993). Isto equivale entender que a formação discursiva dos alunos perpassa pela explicitação das relações dialógicas e valorativas dos gêneros em um agir responsivo e responsável na vida em sociedade (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1976; BRAIT; PISTORI, 2012).

Apesar de haver uma imensa produtividade de pesquisas relacionadas aos gêneros do discurso, a prática de ensino em sala de aula pode ficar restrita ao estudo de forma isolada do social dada a influência do paradigma curricular (AMORIM, 2014; LEMKE, 2010). Por isso, encaminho um modo de abordar o ensino-aprendizagem de gêneros na sua trajetória sócio-histórica.

Deste modo, a abordagem proposta visa encarar as descrições do gênero do discurso de forma interligada com outras formas discursivas, considerando seu caminho, sua trajetória a partir de sua linguagem complexa (CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2007). Desta forma, o ensino-aprendizagem de línguas por gêneros tem como foco o *relativamente* estável (BAKHTIN, 2011), à medida que

a prática didática favorece a (des/re)construção de encadeamentos dialógico-discursivos na criação de sentidos em práticas de (multi)letramentos na escola.

Neste caminho, o gênero meme da Internet aliado a outros gêneros como, por exemplo, as notícias online, podem servir como formas discursivas para compreender as teias de sentidos nas práticas sociais construídas por meio da linguagem. Isto pode permitir um trabalho menos focado no linguístico e mais preocupado com o agir social pelo uso da língua(gem).

Segundo Shifman (2014), os memes da internet são gêneros do discurso em termos bakhtinianos. Entendo que os memes compartilham, portanto, características de forma, conteúdo e estilo em uma trajetória discursiva sócio-histórica indexicalizada por notícias midiáticas. Construído por artefatos multisemióticos, os memes da internet tem a função de satirizar, criticar e ironizar existir-eventos por meio do humor. Os memes são gêneros do discurso, porque apresentam certa estabilidade, tornando-os reconhecíveis como "memes". Ao mesmo tempo, estes construtos também revelam um alto grau de hibridização e fluidez. Suas formas discursivas variam, tais como, expressões meméticas, imagens macro de estoque, GIFs (Graphics Interchange Format) etc. Para exemplificar brevemente a abordagem proposta, observemos o meme *In brazilian portuguese* publicado na conta do Twitter da série *House of Cards*.

Meme *In brazilian portuguese*.



Fonte: House of Cards (2015).

No museu dos memes⁵, há uma diversidade de formas discursivas em relação ao meme. Todas indexicalizam existir-eventos em trajetórias discursivas distintas. No entanto, os memes, em geral, são desconstruídos e reconstruídos com base em um padrão formado pela seguinte sequência “In brazilian portuguese”, “They (We) don’t say” X + “They (We) say” Y + “and I think that’s beautiful”. Este padrão mantém-se, enquanto outros signos linguísticos são entextualizados, atribuindo um novo sentido em cada meme (des/re)construído.

Neste caso, o meme foi construído e compartilhado pelo perfil oficial da série House of Cards no Twitter em 18 de fevereiro de 2015. Na publicação, há uma multiplicidade semiótica como, por exemplo, o logo do Twitter, a bandeira dos Estados Unidos e o domínio de usuário @House of Cards, seguido do número de usuários que retwitaram e curtiram (ROJO, 2012). Conforme a notícia veiculada pelo Globo online⁶ em fevereiro de 2015, a publicação do meme obteve ampla repercussão nas redes sociais em um alcance internacional. Nesta teia discursiva, a compreensão do meme depende de uma rede complexa e não linear de índices de valores associados ao possível existir-evento *impeachment* de Dilma tanto em um contexto imediato de produção, quanto em um contexto social mais amplo em termos bakhtinianos (BAKHTIN, 1976; CAMERON; LARSEN-FREEMAN, 2007).

O meme foi publicado às vésperas do lançamento da terceira temporada da série House of Cards na Netflix. Como as séries da empresa são liberadas de uma única vez na plataforma, a marca utiliza as redes sociais como uma estratégia de mercado para conectar-se com o público e manter o engajamento dos fãs⁷. Neste caso, o meme endereça os fãs da série no Brasil ao relacionar um movimento político nacional à trama ficcional da série.

⁵ O museu constitui um trabalho da comunidade acadêmica da Universidade Federal Fluminense – UFF que reuni várias coleções de memes como, por exemplo, o meme *In brazilian portuguese* disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/in-brazilian-portuguese-you-dont-say/>

⁶ Conferir em: <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/perfil-oficial-de-house-of-cards-no-twitter-entra-na-onda-de-meme-brasileiro-15378384>

⁷ Conferir em: <https://brand24.com/blog/how-netflix-is-winning-social-media-case-study/>

Naquele momento, o Brasil atravessava por um quadro de instabilidade política, marcado principalmente pela crise econômica. Os veículos midiáticos publicavam notícias sobre um possível processo de impeachment⁸ de Dilma Rousseff. No congresso, Eduardo Cunha do partido da base aliada era eleito o novo presidente da câmara. Embora tenha assumido a presidência da câmara, o deputado estava sendo investigado por crimes de corrupção⁹.

Na série da Netflix, Francis Underwood representa um político corrupto e manipulativo, que usou sua influência para planejar uma vingança contra o presidente. Num paralelismo dialógico, Eduardo Cunha, que empregou seu conhecimento técnico dos regimentos internos da câmara dos deputados para barrar propostas da base governista e manter-se no poder¹⁰, assume a valoração atribuída à Francis.

Neste novo contexto, a palavra *impeachment*, quando equiparado à ação “se inspirar em Francis Underwood”, traz consigo não somente o significado social de impugnação de mandato político¹¹, como veiculado na mídia, mas também, assume o valor de manobra política (BLOMMAERT, 2005). Mas essa manobra servirá a quem? Que outras interpretações questionam esta visão? Que perspectivas estão em choque neste jogo discursivo? Como as práticas de políticas afetam nosso cotidiano? São perguntas como estas que podem levar o aluno em sala de aula a refletir, questionar e agir através dos gêneros do discurso.

Para compreender os sentidos encadeados pelo meme, precisamos tecer uma rede de conhecimentos com diferentes índices de valor, resgatando uma memória discursiva entre os enunciados (FARACO, 2009). Não basta conhecer as formas linguísticas e discursivas dos gêneros, é preciso problematizar e construir nexos sócio-historicamente situados para agir languageiramente. Este movimento

⁸ Conferir em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/02/1588231-nao-e-crime-falar-de-impeachment-diz-aecio.shtml>

⁹ Conferir em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/02/01/eduardo-cunha-e-eleito-presidente-da-camara-dos-deputados.htm>

¹⁰ Conferir em <https://exame.abril.com.br/brasil/economist-compara-cunha-a-personagem-de-house-of-cards/>

¹¹ Conferir em <https://www.dicio.com.br/impeachment/>

de valorização das práticas pode contribuir para uma abordagem de ensino-aprendizagem de línguas por gêneros coerentes com as interrelações dialógicas de um mundo fluido e altamente hibridizado.

Considerações Finais

Em uma perspectiva teórico-metodológica de base interdisciplinar no campo da Linguística Aplicada, relacionei as concepções de linguagem do círculo de Bakhtin com a noção de complexidade da linguagem, efeito não-linear, entextualização, dialogismo, hibridismo e (multi)letramentos para propor uma abordagem de ensino-aprendizagem de língua por gêneros do discurso.

Na articulação teórica tecida, propus um ensino-aprendizagem de línguas por gêneros através de uma abordagem desestabilizadora, ou seja, um modo de refletir e explicitar as relações dialógicas dos enunciados entextualizados, situando os discursos em sua sócio-histórica. Dada as transformações sociais em um mundo globalizado, a formação discursiva dos alunos precisa passar por uma educação linguística crítica que permita dar respostas coerentes a um modo de vida coletivo, plural e ético.

Neste percurso, foi possível perceber que as formas discursivas como, por exemplo, os memes mostram a produtividade do encadeamento de signos linguísticos por meio de notícias midiáticas, criando diferentes efeitos de sentidos. Na sala de aula, o professor pode abarcar a complexidade dos gêneros ao tecer as conexões entre os enunciados numa prática problematizadora. Desta forma, a prática didática não pode ser reduzida a ensinar-aprender cada gênero do discurso e suas características de forma isolada. Na verdade, num ensino-aprendizagem responsivo e responsável, a prática de ensino-aprendizagem precisa situar a língua(gem) numa perspectiva social e história para evitar demasiadas simplificações e fragmentações no ensino regular.

Referências

- AMORIM, Marcel Álvaro. Documentos oficiais, currículo e ensinagem de I/LE: possíveis (inter-) relações sócio-históricas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 53, n. 2, p. 357-380, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Austin, TX: University of Texas Press, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. *Discurso na vida e discurso na arte*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. In: VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. *Freudismo*. New York: Academic Press, 1976. p. 93-116.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BLOMMAERT, Jan. Meaning as a nonlinear effect: the birth of cool. *AILA Review*, Amsterdam, v. 28, n. 1, p. 7-27, Sep. 2014.
- BLOMMAERT, Jan. Critical discourse analysis. In: BLOMMAERT, Jan. *Discourse: a critical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 21-38.
- BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtine o círculo. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, SP, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012.
- CAMERON, Lynne; LARSEN-FREEMAN, Diane. Complex systems and applied linguistics. *International Journal of Applied Linguistics*, Oxford, OX, v. 17, n. 2, p. 226-239, 2007.
- FABRICÍO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem": redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2012.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1981.

LEMKE, Jay. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Revista Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 49, n. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de textos e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Introdução. *In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). Linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do círculo de Bakhtin. *In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée; BONINI, Adair (org.). Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007. p. 152-183.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Bakhtin circle's speech genres theory: tools for a transdisciplinary analysis of utterances in didactic practices. *In: BAZERMAN, Charles; BONINI, Adair; FIGUEIREDO, Débora de C. (org.). Genre in a changing world*. Fort Collins, CO: The WAC Clearinghouse: Parlor Press, 2009. p. 295-316.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.). Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. *In: ROJO, Roxane Helena; MOURA, Eduardo (org.). Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-32.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline. Gêneros do discurso, multiletramentos e hipermodernidade. *In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline M. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 115-145.

SHIFMAN, Limor. The cultural logic of photo-based meme genres. *Journal of Visual Culture*, New York, NY, v. 13, n. 3, p. 340-358, 2014.

VIAN JUNIOR, Orlando. Beyond the three traditions in genre studies: a Brazilian perspective. *In: ARTEMEVA, Natasha; FREEDMAN, Aviva (org.). Genre studies around the globe: beyond the three traditions*. Winnipeg, CA: Inkshed Publications, 2015. p. 95-114.

HOUSE OF CARDS. "*In brazilian portuguese, they don't say...*" 2015. Disponível em: <https://twitter.com/houseofcards/status/568208323041820672>. Acesso em: 6 abr. 2015.